

Levar a mensagem evangélica ao coração do mundo contemporâneo

Fonte: LFS Agência Ecclesia e Gaudet Mater Ecclesia

No início dos trabalhos do II Concílio do Vaticano, em 11 de Outubro de 1962, o cardeal patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, afirmou ao Boletim de Informação Pastoral (BIP) que as maiores preocupações pastorais da Igreja passavam pelo «*levar a mensagem evangélica ao coração do mundo*».

Num testemunho enviado de Roma e publicado pelo BIP no nº 19 do ano de 1962, o cardeal português que foi membro da Comissão Central preparatória e membro designado da Comissão Conciliar das Missões realça que estas preocupações implicam uma tradução para os tempos actuais, “sem a alterar”. Portanto, actualizá-la, “ao encontro das angústias, das aspirações e das esperanças da humanidade”. E acentua: “A luz de Cristo na névoa da confusão mental e moral”.

O concílio “não será tanto para condenar os erros”, como para “mostrar o rosto verdadeiro da Igreja”. “Daqui a preocupação de purificação e de actualização”, frisou D. Manuel Gonçalves Cerejeira.

Em relação às preocupações pastorais do episcopado português, o cardeal patriarca de Lisboa sublinhou que a Igreja portuguesa estava centrada nas dinâmicas conciliares e que se impunha, depois deste acontecimento eclesial, um “esforço comum” e uma “obra conjunta” que se podia resumir desta forma: “Inquirir, rever, confrontar, alancar e realizar”.

Ao ser questionado sobre os “novos meios” que a Igreja portuguesa pode lançar para fazer chegar a mensagem cristã às regiões descristianizadas, D. Manuel Gonçalves Cerejeira revela que se fala “de novos meios, e ainda não estão esgotados, nem sequer preenchidos os velhos”. O primeiro, “velho e sempre novo”, é o “recrutamento e a formação de um clero desprendido, puro e zeloso” e o segundo é uma “Acção Católica viva e eficaz”.

“Sem querer ser profeta”, o cardeal patriarca de Lisboa confidenciou que era fundamental uma “nova organização da distribuição e acção apostólica do clero, preparação especial de equipas sacerdotais e leigas, escolas de chefes, missionários voluntários, obras sociais de assistência, cultura, recreio...”. Por outro lado, revela também que “não é de excluir a cooperação inter-diocesana, seja quanto a sacerdotes, seja quanto a leigos, com vocação e preparação para o apostolado das regiões descristianizadas”.

Ao olhar para o Patriarcado de Lisboa, o cardeal português disse que estava preocupado que “o clero se aburguese, não mostrando na sua vida a Cruz do redentor” e que “as classes

humildes” se “afastassem da Igreja, deixando-se convencer que ela ama mais o dinheiro e o poder que as almas”. Aos jovens apela para que não se deixem seduzir “por mitos homicidas”. Na linha das aspirações, D. Manuel Gonçalves Cerejeira desejava uma “escola superior de cultura religiosa” para a formação de verdadeiras elites católicas, conscientes, firmes, apostólicas”.

Como também relata D. Demétrio Valentini, Bispo de Jales, os peregrinos sentiam alegria ao ver Jerusalém às portas, depois de longa caminhada e assim foi naquele dia tão esperado, em que finalmente começaria o concílio proposto pelo Papa João XXIII.

Neste ano somos convidados a descobrir quais foram os motivos de tanta alegria. E ver se conseguimos também hoje, depois de 50 anos, reencontrar caminhos de esperança, para a Igreja e para a humanidade.

Na abertura do Concílio, ficou famoso o discurso do Papa João XXIII. Ele transmitiu a certeza de que o concílio era fruto de inspiração divina, e que tinha chegado a hora da Igreja se renovar, se aproximar do mundo de hoje, e se colocar ao serviço da humanidade, com a qual queria assumir solidariamente suas grandes causas, e a ela oferecer a luz do Evangelho.

Começou seu discurso com a bonita expressão: “Gaudet Mater Ecclesia”, “Alegra-se a Mãe Igreja”. Foram as primeiras palavras do Concílio. Quatro anos depois, terminava o Concílio com as mesmas palavras de alegria e de esperança. Pois o último documento conciliar foi a constituição pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje. Começa com as palavras: “Gaudium et Spes”, “As alegrias e as esperanças”.

E’ significativa esta constatação. Entre o início e o fim do Concílio, há uma coincidência especial. No começo, a alegria da Igreja que via chegar o dia do tão esperado. No final, esta mesma alegria, alargada para toda a humanidade.

“Gaudet Mater Ecclesia”, e “Gaudium et Spes”. Alegria no começo, alegria no final. Entre as duas manifestações, se realizou o Concílio. Ele foi feito sob o signo da alegria e da esperança. Nesta constatação dá para perceber a grande influência exercida por João XXIII no Concílio. Poucos meses depois da abertura, ele iria morrer, no início do mês de Junho de 1963. Mas àquela altura dos acontecimentos, o Concílio já tinha sua trajectória garantida, pela firme direcção proposta por João XXIII.

Os sentimentos do início, permaneceram até o final. O preâmbulo do documento sobre a Igreja no mundo de hoje, pode ser considerado o texto que melhor expressa o espírito e os propósitos do Concílio. De todos os documentos aprovados, a Gaudium et Spes foi o único que não estava previsto nos esquemas preparatórios. Ele surgiu ao longo das discussões conciliares. Pode ser considerado como “filho legítimo” do Vaticano II.

Assim começa a Gaudium et Spes: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as

alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração.... Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao género humano e à sua história.”

Permanece o desafio: como reencontrar motivos de alegria e de esperança, mesmo em meio aos novos problemas que a realidade hoje nos apresenta. O exemplo do Concílio permanece válido. Ele começou e terminou sob o signo da alegria e da esperança!